

## ENTREVISTA ESPECIAL EM COMEMORAÇÃO AOS 30 ANOS DA INICIAÇÃO CIENTÍFICA NA UNITINS

Charlyne Sueste de Oliveira<sup>1</sup>

### Do curso errado ao futuro profissional brilhante por meio da pesquisa: conheça a história de Diana Carolina Lima Freitas



*Diana é Graduada em Engenharia Agrônômica pela Universidade Estadual do Tocantins – UNITINS (2016); especialização em andamento em Agroecologia pelo Instituto Federal de Santa Catarina – IFSC; mestre em Produção Vegetal pela Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC (2019); doutoranda em Ciência do Solo pela Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC.*

---

<sup>1</sup>*Graduada em Comunicação Social - Jornalismo pelas Faculdades Alves Faria – UNIALFA (2011); especialista em Docência no Ensino Superior e em Assessoria e Gestão da Comunicação pela União Brasileira de Faculdades - UNIBF (2020); mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade – PPGCOM da Universidade Federal do Tocantins – UFT; membro do grupo de pesquisa Jornalismo e Multimídia – NEPJOR da UFT/CNPq e do grupo de pesquisa Engenharia e Biodiversidade – EngBio da UFT/CNPq. Atualmente é Diretora de Comunicação da Universidade Estadual do Tocantins - UNITINS.*

Estou no curso errado? O diagnóstico de uma doença autoimune um mês após ingressar na universidade impôs essa pergunta para Diana Carolina Lima Freitas. A resposta inicial era: sim! Ela sentia que estava no curso errado até encontrar na iniciação científica a realização de um sonho e um brilhante futuro profissional.

Diana é egressa do curso de Engenharia Agrônômica da Universidade Estadual do Tocantins – UNITINS/Câmpus Palmas, no qual se formou em 2016. A jovem, que desde criança sonhava em ser pesquisadora, viu-se diante de um obstáculo que poderia destruir seus planos: uma doença autoimune que tinha uma implicação direta na atuação profissional: a exposição ao sol. O diagnóstico, além do susto, também trouxe muitos questionamentos óbvios: como trabalhar com agronomia sem estar no campo, onde ficaria exposta ao sol constantemente? A solução veio por meio da iniciação científica, que demonstrou à então universitária a possibilidade de realizar o sonho de ser uma pesquisadora e melhor: dentro do curso que havia escolhido!

Confira nesta entrevista especial em comemoração aos 30 anos da Iniciação Científica da UNITINS como a carreira profissional pode ser transformada a partir da pesquisa!

**CHARLYNE: Como foi sua formação na UNITINS?**

**DIANA:** Entrei na UNITINS em agosto de 2010, na primeira turma de Engenharia Agrônômica do Câmpus Palmas. Desde o segundo período já sabia que queria trabalhar com pesquisa científica. Foi quando entrei na iniciação científica como aluna do PIBIC [Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da UNITINS].

**CHARLYNE: Você já tinha essa certeza de que queria ser pesquisadora ou foi algo que essa graduação te apresentou?**

**DIANA:** Eu diria que essa primeira parte iniciou quando eu ainda era adolescente, com 12 ou 13 anos. Em uma viagem à Brasília para visitar minha irmã conheci uma amiga dela que era mestre com apenas 25 anos. Coloquei aquilo como meta para mim. Achei sensacional! Uau!! Entrei no ensino médio e iniciei com pesquisa ali, já tínhamos os pés na ciência. Entrei na faculdade [UNITINS] em agosto de 2010 e em setembro fui diagnosticada com uma doença autoimune em que eu não poderia pegar sol. Aí pensei: estou no curso errado! Depois repensei e vi

que nem tudo estava perdido, que tinha a parte de pesquisa. Desde adolescente lia muito livro, sempre me identifiquei em trabalhar na área de pesquisa e isso sempre foi meta para mim. Então, no segundo período da faculdade já consegui a bolsa de iniciação científica e ali tudo começou, minha paixão pela pesquisa. Tanto é que eu fiz três ciclos de iniciação científica durante a graduação.

**CHARLYNE: Como foi essa primeira experiência na iniciação científica?**

**DIANA:** Meu primeiro orientador foi o professor Mauro Lucio Torres Correa (*in memoriam*), da área de Solos. Eu achava o máximo, apesar de alguns alunos terem dificuldade na comunicação, a gente se identificava muito e ele foi um dos poucos a me pedir para escrever o primeiro projeto. Ele me deu prazo de três dias. Fiz, entreguei e ele falou que não servia, mas pegou na minha mão e me orientou até o final do ciclo.

**CHARLYNE: Como a iniciação científica na UNITINS contribuiu para que você estivesse onde você está hoje?**

**DIANA:** A UNITINS e os professores que passaram por ela foram essenciais para que isso acontecesse. Hoje moro no Sul do Brasil, em Lages/SC, e eu não estaria aqui se não fosse pelos meus professores. Mais ou menos no meu último ano de faculdade o professor Mauro já tinha saído da Unitins e eu estava sendo orientada por outra professora com a qual me identifiquei muito, a Aquidauana Miqueloto Zanardi. E na minha banca de TCC ela disse: “Diana, eu acho que você tem muita predisposição para trabalhar com a parte de pesquisa, tem um olhar científico. Você deveria entrar no mestrado”. No dia da minha formatura eu recebi as duas notícias: que eu tinha passado no mestrado, na Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC e que eu tinha conseguido uma vaga de emprego para trabalhar com soja no Rio Grande do Sul. Eu tinha que tomar uma decisão. Vim pra Lages. No início eu fiz o mestrado em Produção Vegetal, hoje estou no doutorado de Ciência dos Solos, mas dentro da mesma universidade. Isso tudo não seria possível se eu não tivesse estabelecido dentro da UNITINS essa rede de contato com os professores, que são de todos os lados e cantos do país. É uma rede de contatos imensa. Então, se não fosse a UNITINS, eu provavelmente não estaria aqui.

**CHARLYNE:** Então, Diana, você aproveitou a oportunidade da pesquisa científica e se beneficiou também do networking desses professores, que virou uma rede de contatos também para você e que já abriu outras portas. Qual instrução ou dica você deixa para os alunos da graduação quanto à iniciação científica. Vale a pena? O que eles devem aproveitar mais? Quais dicas você dá?

**DIANA:** A primeira dica que eu dou é: não tem motivo para não fazer iniciação científica durante toda a sua graduação. Eu acho que é interessante aos novos alunos e até mesmo quem já está no final do curso. A minha iniciação científica foi toda na área de solos. No meu TCC eu mudei para a fitopatologia e no mestrado eu fui para a parte de fruticultura, fisiologia pós-colheita. Então, não é tarde demais se você quiser conhecer outras áreas. Se você puder trabalhar a iniciação científica sempre em outros laboratórios, apesar de ter um carinho com o orientador, vá conhecer outras áreas, veja o que você realmente gosta dentro do curso. Então, tendo esse leque, esse conhecimento de mundo, isso facilita

depois para você saber o que vai querer para sua carreira. E até mesmo para caso queira se direcionar para um mestrado. Eu, depois, acabei voltando para a área de solos no doutorado. Eu tive essa experiência tanto da “fito” quanto da fisiologia e a gente leva isso para a vida. Apesar de hoje estar em laboratórios diferentes, ter atuado em laboratórios diferentes dentro da UNITINS ajuda a pegar algumas dicas que você vê num laboratório X e aplicar no Y, isso tudo nos ajuda a crescer, trabalhar dentro de um laboratório, dentro de um possível emprego que você venha a ter.

**CHARLYNE:** Você tem a intenção de ir para a carreira docente ou pretende seguir com a pesquisa?

**DIANA:** Eu tenho muita vontade e adoro ensinar. Tenho muita vontade de ser professora quando terminar o doutorado. Já foi um dos meus planos B. Quando eu percebi que não poderia trabalhar em um campo, pensei: pesquisa, laboratório e sala de aula”.